

## ALCESTE

FAUSTO CUNHA

A publicação destes *Pontos de Referência* de Brito Broca, ao apagar das luzes de 1962, é ao mesmo tempo um vívido sinal de presença e um enriquecimento deste ano que não foi dos mais fartos para as letras críticas.

Encontro aí um Brito da última fase, escrevendo a sua melhor prosa, cada vez mais entusiasmado pelo seu trabalho e cada vez mais ele mesmo: lúcido, mordaz, quase pérfido (que este epíteto não maltrate a sua memória), manejando o material literário com elegante destreza.

Só alguns poucos se darão conta do mundo de informações raras e de primeira mão que se levanta desses ensaios. Quando a morte o surpreendeu, Brito Broca estava saindo realmente para sua obra. Tudo até então eram meros apontamentos, notas que ele publicava para depois saber onde consultá-las, artigos que iriam formar, refundidos, os capítulos de seus livros sobre as diversas épocas.

Creio que devo justificar alguns dos adjetivos que alinhei acima. Os necrológios de agosto de 1961 falavam de um Brito Broca humilde, de um Brito manso, de um Brito solitário. Brito, talvez sim. Alceste é que não. Como seu homônimo molièreano, o Alceste de Brito era colérico e de uma sinceridade inexorável. Os que o conheceram mais de perto sabem que não me estou afogando nos adjetivos. Um Brito inexorável, aquele disposto a elogiar os volumecos mais desvaliosos, capaz de tirar ouro do chumbo de alguns poetastros, de fazer florir o capim de alguns romancistas?

Nem todos talvez saibam que uma parte imensa da obra dispersa de Brito Broca está sob o nome de Alceste. (Há outra parte, igualmente quantiosa, sob pseudônimos nacionais e franceses ou anônima. Este anonimato, que Brito justificava com o caráter provisório dos trabalhos, deu origem a vários atritos violentos entre nós dois. Eu lhe jogava em rosto a "inconsciência profissional", queimando material de primeira ordem, que lhe custara noites e dias de Biblioteca Nacional, em notinhas para preencher claros de suplementos, em artigos de emergência e - o que é pior - em "empréstimos" a outros escritores.)

Quero continuar fora dos parênteses: *Pontos de Referência* é, desde o título, um pouco de vingança à maneira de Brito. Leia-se a epígrafe de Claude Roy. O ensaísta compreendeu finalmente uma coisa que eu sempre lhe afirmei em nossas discussões interminavelmente ambulantes: os trabalhos de pesquisa literária são, ou eram, recebidos no Brasil com certo desprezo, como atividade mais ou menos de maníacos, de "ratos de biblioteca", desligados da realidade, de gente que procurava na exumação de velharias uma solução para a sua "esterilidade criadora", etc. O próprio Brito era objeto de piadas tanto ou quanto cordiais, nem por isso menos piadas. Ele se preocupava o mínimo com o que pensassem dele, mas irritava-se à grande quando se via furtado - o que lhe aconteceu com premeditada freqüência.

Somente depois da publicação de *A Vida Literária* no Brasil é que Brito Broca se viu colocado, em nosso meio dito intelectual, numa posição próxima daquela que lhe era devida. Até então, era apenas "o Brito", um sujeito mais ou menos "apavorado", que só servia para o trabalho braçal das letras. Jamais pude compreender como um espírito imensamente altivo como o de Brito Broca, a inteligência mais cintilante (desculpem, mas o qualificativo é este mesmo) que conheci na minha vida, se subordinava a esse anonimato, a esse longo segundo-plano. Enquanto no primeiro dançarinavam sob os cordéis alguns elementos de que ele se ria com a mão à frente da boca. Há algum livro por aí que talvez tenha sido escrito inteiramente por Brito.

Fiquei devendo ao Brito um artigo sobre o poeta francês Turquety, que ele me "acusou" de ter inventado. É pena que não tenha podido concluir seu volume sobre a vida literária no Brasil romântico. Seus conhecimentos dos fatos do Romantismo às vezes me deixavam surpreso - e surpreender-se com os conhecimentos do Brito não era coisa fácil. Toda a literatura brasileira como que passara através de sua cabeça. Em *Pontos de Referência* estão alguns artigos que ele teria aproveitado; outros ficaram dispersos em jornais e revistas. Ia ser talvez um volume ainda mais interessante que o da *Belle Époque*: o que bebiam, o que comiam, o que vestiam, o que dançavam os românticos. Tinha já toda a massa de informações e a "verve" para lhe dar vida e movimento. Ele próprio, Brito, era um romântico - como Alceste era um romântico.

Por que escolheu esse pseudônimo? Sempre quis perguntar-lhe. Não o fiz por pudor. Brito gostava do seu outro "eu" literário, que lhe dava mais liberdade e uma certa autenticidade intelectual. Hesitou em transferir-se do personagem de Molière para o homem de Guaratinguetá. De resto, não foi ele o único a sentir-lhe o fascínio. Um francês colocou toda a sua obra sob o nome de Alceste.

Mas, qual Alceste? Brito Broca não era um misantropo. Não era também o hipócrita Philinte, tão admirado por Napoleão, "incapable de la moindre action ou du moindre discours qui blesserait la morale ou la délicatesse". Seu Alceste nada tinha que ver com aquele atacado cegamente por Louis Veuillot, um "vertueux du paganisme" um "fariseu". Creio que o modelo encarnado por ele seja o de Rousseau na sua carta a D'Alembert sobre os espetáculos. Um Alceste quase contra Molière, antípoda do Philinte comodamente tolerante e conciliador.

Brito nunca me falou de *Le Misanthrope* em especial. Contudo, mais de uma vez me leu, em tom chocarreiro, páginas de poetas e de prosadores que lhe disputavam a opinião candescente. Nesses momentos, podia compreender por que se chamara Alceste. Lembrem-se do encontro de Alceste e Oronte, quando este lê um soneto, que o primeiro escapela impiedosamente. Em três alexandrinos arma-se o eterno impasse entre o crítico sincero e o autor vaidoso:

ALCESTE

*Monsieur, je suis mal à décider la chose,  
Veuillez m'en dispenser.*

ORONTE

*Pourquoi?*

## ALCESTE

*J'ai le défaut*

*D'être un peu plus sincère en cela qu'il ne faut.*

Segue-se o cruel diálogo, numa das cenas mais geniais de Molière. Não foi sem razão que *Le Misanthrope* entusiasmou a Voltaire.

Alceste pergunta a Oronte, indiretamente: "Quel besoin si pressant avez-vous de rimer, / Et qui diantre vous pousse à vous faire imprimer?" Pergunta que Brito inúmeras vezes quis fazer a inúmeros admiradores de ocasião. Os maus livros, os maus livros de versos sobretudo, encolerizavam-no. Vingava-se com elogios pífidos, "à double sens". Não tinha a coragem suicida de um Alceste de corpo inteiro, mas não foi nunca um Philinte, adador dos Orontes

A sua vida – estanque às suas relações com as vidas alheias – foi a de um Alceste incorruptível, que desejava ganhar as suas próprias vitórias, não as que lhe designavam vicariamente. E nisso talvez o pseudônimo Alceste seja mais que um acidente jornalístico: Brito terá desejado que sua obra, ainda aquela mais transitória e contraditória, seja compreendida à luz do pensamento de Alceste.

Não rompeu abertamente com aquilo que Chamfort chamava de "sistema de união fundado sobre a indulgência mútua", mas deixou a sua medida de aferimento de valores. Um Alceste mais flexível porque mais sutil. Que não gastou com os Orontes uma inútil retórica.

---

### A Luta Literária

Texto publicado no volume [REDACTED], Rio de Janeiro, Editora Lidador, 1964.